



EDUCAÇÃO FÍSICA E IDENTIDADE NEGRA: O QUE A BNCC DIZ SOBRE ISSO?

Silva, D. P; Costa, T.B; Ehrenberg, M. C.

Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, Brasil.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Gesto, Expressão e Educação (GEPGEE)

Quando pensamos em um currículo que contemple a construção das identidades dos estudantes, respeitando e valorizando suas diferenças - sejam elas sobre gênero, raça, classe, religião ou etnia -, compreendemos o currículo como uma prática intencional e discursiva. Esses discursos, em forma de saberes estruturados, significam, governam, conservam e transformam nossas identidades. Historicamente, percebemos que nessa disputa de poder, a escola torna-se majoritariamente lugar de conhecimentos eurocêntricos e eruditos, que correspondem à formação de um determinado tipo de identidade (MUNANGA, 2012). Isto posto, como imaginar que os estudantes negros construam suas próprias identidades? Assim, o objetivo desse estudo é identificar quais discursos sobre a identidade negra aparecem de forma sistematizada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em especial no componente curricular Educação Física. A partir de uma análise documental, percebemos que a BNCC aponta, de forma sintética, para a importância de valorizar a diversidade, contudo, não mostra como fazê-la. Uma competência geral da área de Linguagens – área que está inserido o componente curricular Educação Física - é: “ Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes” (BRASIL, 2016, p. 223); Tal competência assim declarada é um avanço na busca de uma escola democrática, mas ainda pouco comum nas práticas escolares. Identificamos que a BNCC se preocupa em sistematizar conhecimentos acerca da construção das identidades negras na Educação Física, nos blocos de conteúdo Dança, Lutas e Jogos e Brincadeiras. Apesar desses discursos estarem em voga no documento, entendemos que os mesmos estão à serviço do desenvolvimento de competências e habilidades, o que revela um alinhamento com a lógica do mercado (ZABALA 2010) e não com a análise, significação e produção de práticas corporais e que despertem um conhecimento crítico acerca das mesmas. Concluímos que se não houver formação continuada dos professores, espaços de diálogo sobre as práticas profissionais ou acesso à informação de qualidade além de análises críticas sobre a temática, o tratamento da construção de identidades negras será superficial e pouco eficaz, se quisermos de fato que nossos estudantes reelaborem seus próprios mundos. Enquanto a discussão sobre identidades negras não for pauta fundamental dos currículos escolares e estiver ancorada no caráter quase optativo das práticas corporais, estaremos fadados a reafirmar posições de desigualdade racial estrutural a qual padecemos ainda nos dias de hoje.

E-mail: daiana.silva@usp.br; thiago_costa@usp.br; monica.ce@usp.br